

SUBMISSÃO DE RESUMO PARA GT - GT 01 - ARTE,
SOCIOBIODIVERSIDADE E EPISTEMOLOGIAS CONTRACOLONIAIS NO
SEMIÁRIDO

**"NÃO PASSEIO PELO JARDIM, SOU PARTE DO JARDIM": REFLEXÕES
SOBRE PLANTAS, ANTROPOLOGIA E CONHECIMENTOS ANCESTRAIS**

Eliana De Barros Monteiro (eliana.monteiro@univasf.edu.br)

Maria De Lourdes Oliveira Dias (relatoriossaude15@yahoo.com.br)

Neste relato de experiência, buscamos refletir sobre as vivências compartilhadas no Projeto de Extensão "Cosmética natural e auto cuidado: oficina com base no diálogo com o conhecimento ancestral" (UNIVASF, PIBEX, 2025). O projeto tomou um caminho interdisciplinar e foi mediado pelos seguintes temas: corpo, cultura, natureza, conhecimentos ancestrais e plantas medicinais.

Numa perspectiva antropológica e ecofeminista, buscou promover práticas que valorizam os conhecimentos ancestrais que atentam para uma percepção da natureza enquanto ser vivente, sendo as Plantas, rainhas condutoras do acesso às nossas "razões sensíveis". O "corpo território", integrado e holístico nos termos culturais, alia às plantas um saber ancestral de conexão com o bem viver, que, através das práticas cotidianas de cuidado, com seus aromas, unguentos, pomadas, óleos medicados, isto é, das tecnologias e conhecimentos ancestrais, promovem mais saúde para o corpo, em conexão com mente e espírito.

Estas perspectivas de diálogo na confluência dos saberes, diminuem a força, ainda tão proeminente, de compreensão hostil da Natureza como repositório, que deve ser explorado e manipulado. Nesta dimensão, a visão ocidental, aristotélica é questionada.

Assim, debates sobre o corpo como território sagrado, as plantas como entes que nos cuidam e ativam nossa razão sensível, foram fundamentais para a condução do projeto, mediado pelo recurso etnográfico e pelo diálogo intercultural.

Participaram mulheres de diferentes gerações, que vivem na zona urbana de Petrolina (PE), cidade localizada na região semiárida do Vale do São Francisco.

As Rodas de Conversa e as Oficinas permitiram uma problematização sobre experiências contra-coloniais do bem viver, onde se reconhecem formas mais dialógicas da relação corpo/natureza, em que as histórias e referências aos saberes afroindígenas do Sertão, foram ressaltados, também para a construção de narrativas positivas sobre o cuidado com o corpo, com a saúde, no (e para com o) ambiente.

As vivências sensoriais em contato direto com as medicinas, tais como Aroeira, Erva Cidreira, entre outras, abriram portas e ampliaram janelas de percepção, transmutando-se a prática sensorial em conhecimento ancestral acessado. O projeto possibilitou trocas e distribuição de plantas medicinais, onde as mulheres socializaram suas experiências também com a Jurema preta (casca), usada para cicatrizar feridas, fazer banhos de asseio, com manjerição, catingueira, umburana de cheiro (...).

O projeto auxiliou, ainda, na formação inicial em cosmética natural, contribuindo para a pauta das economias circulares e a importância de aliarmos as tecnologias de cuidado aos processos históricos de resistência e de resiliência das trajetórias das mulheres do Sertão afroindígena.

Palavras-chave: plantas - razão sensível - corpo - conhecimentos ancestrais.